

Parte I - Os dados e suas análises

Percepções dos educadores sobre os dispositivos comunicacionais

Elisangela Rodrigues
Suéller Costa
Wellington Nardes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RODRIGUES, E., COSTA S., and NARDES, W. Percepções dos educadores sobre os dispositivos comunicacionais. In: CITELLI, A., ed. *Comunicação e educação: dinâmicas midiáticas e cenários escolares* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2021, pp. 63-70.

Comunicação e educação series, vol. 7. ISBN: 978-65-8621-337-9.

<https://doi.org/10.7476/9786586213379.0006>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Percepções dos educadores sobre os dispositivos comunicacionais

*Elisangela Rodrigues
Suéller Costa
Wellington Nardes*

Introdução

Os recursos midiáticos e tecnológicos estão presentes no universo educativo e, independentemente da estrutura das escolas, do acesso aos suportes em questão, da atualização desses novos meios e do preparo profissional para incorporá-los à prática pedagógica, todos os educadores e educadoras reconhecem a necessidade de uma formação contínua para se apropriar das tendências educacionais e atuar em consonância com as habilidades e competências exigidas pelo ensino do século XXI. Elas agregam um conjunto de conhecimentos, experiências e aprendizagens que preparam os alunos e alunas para a vida acadêmica, profissional, pessoal e em comunidade. Comunicação, colaboração, participação, criatividade, pensamento crítico e científico, cidadania digital são alguns dos requisitos trabalhados e que podem ser aperfeiçoados por meio da cultura digital.

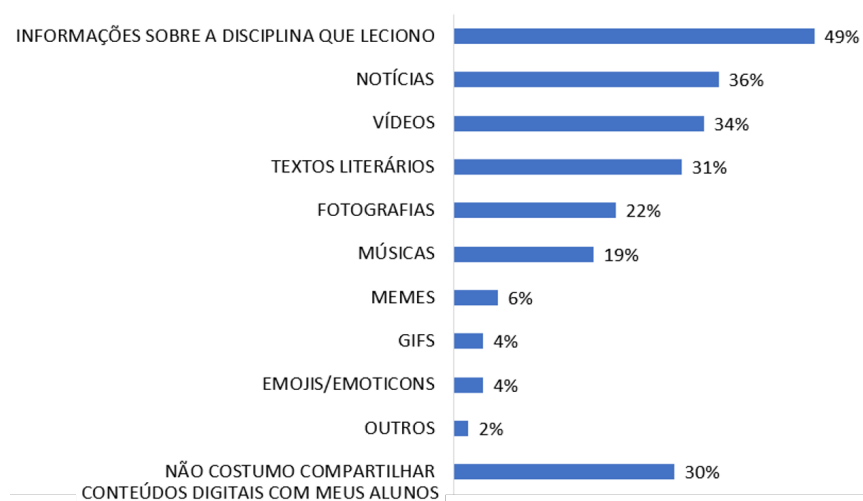
A busca de uma finalidade educativa

As questões a seguir trazem a visão dos/as educadores/as com relação aos conteúdos que circulam no meio digital, em especial, nas redes sociais. Ao corpo docente é lançado o desafio de imergir, na medida do possível, na cultura estudantil construída proximamente aos celulares, computadores, internet etc. E o desafio colocado vai no sentido de ajustar os planos de aula dos/as docentes aos interesses múltiplos e difusos dos/as discentes. Sabidamente, plataformas como WhatsApp, Facebook, Instagram e Twitter atuam enquanto

distribuidoras de conteúdos, sejam de cunho informativo (atualidades), educativos (aprendizados), de entretenimento (games, memes, gifs, humor, diversão, dentre outros) e acabam ajudando a constituir o próprio ecossistema escolar.

Tal preocupação fica expressa nos conteúdos digitais que os educadores e educadoras compartilham com os/as estudantes, manifestados através do acionamento de textos multimodais que integram áudios, vídeos, materiais impressos e digitais, movimento cuja inflexão visa a contemplar, em última análise, os variados interesses dos/as discentes. Pelos dados coletados, percebe-se o empenho por parte dos educadores e educadoras em diversificar o repertório dos alunos e alunas, sobretudo, com a inclusão de suportes como jornais e revistas – malgrado sob forma digital. As análises adiante explicitam as percepções acerca deste diálogo entre alunado e professorado: uns em busca de um ensino construtivo, e outros, do aprendizado significativo. Ambos com o mesmo propósito: o de utilizar os recursos tecnológicos e midiáticos com uma intencionalidade educativa.

Figura 1 - Conteúdos digitais compartilhados com os alunos



Fonte: MECOM (2019)

Em relação ao conteúdo digital em circulação na dinâmica pedagógica, a maioria dos/as docentes (49%) afirmou, segundo demonstra a figura, que costuma dividir informações sobre a disciplina que lecionam, colaborando com as discussões propostas em sala de aula, o que é natural. Na escala de preferência dos educadores, observa-se que o item mais citado é o

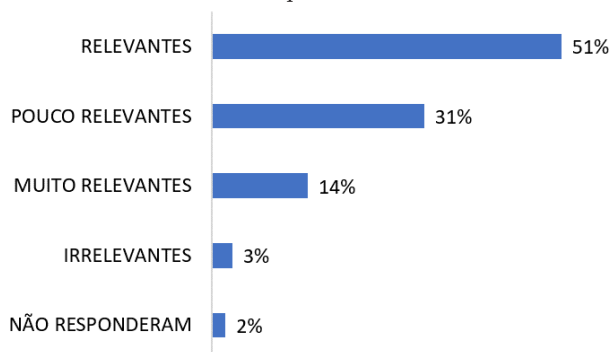
compartilhamento de notícias (36%), reafirmando a força da interface comunicação e educação: “O discurso jornalístico permite estratégias de persuasão e compreensão diversificadas da tradição escolar e possibilita novas leituras, alternativas de escrita e construções discursivas” (CITELLI, 2006, p. 41-42).

Na sequência preferencial dos educadores e educadoras estão os vídeos (34%), recurso cada vez mais incorporado ao ambiente escolar pelo acesso a plataformas gratuitas, como o YouTube. Apesar disso, há autores/as críticos do exagero na forma através da qual, muitas vezes, a escola trata das tecnologias digitais. É o caso de David Buckingham (2010), que, ao discutir a temática por ele chamada de letramento digital e midiático, contesta a forma como essa questão está sendo incorporada e dimensionada nas instituições de ensino. O autor alerta para o cuidado em não se aceitar o predomínio tecnológico nas práticas pedagógicas e nas relações de ensino-aprendizagem.

Na figura em tela, os textos literários são citados por 31% dos professores e professoras. Chama atenção o fato de que, apesar do índice demonstrar grande adesão aos conteúdos digitais, muitos educadores e educadoras (30%) ainda não compartilham com seus alunos e alunas materiais dessa natureza, trazendo ao debate uma série de motivos para que o/a professor/a assuma tal comportamento, perpassando questões como carência de infraestrutura, falta de tempo, inabilidade e/ou domínio básico na operação de equipamentos e programas.

Outro assunto em relação ao ambiente digital envolve a discussão em torno da miríade de conteúdos a circular pelas redes sociais e, conseqüentemente, o impacto que podem provocar na formação dos/as estudantes, mensurados na próxima figura.

Figura 2 - Para a formação dos estudantes, como você classifica a relevância dos conteúdos que circulam nas redes sociais?



Fonte: MECOM (2019)

Na visão docente, a maioria dos/as pesquisados/as concorda com a relevância dos conteúdos que transitam pelas redes sociais (51% ou 259 docentes), no entendimento de que contribuem para a formação dos/as estudantes, sem julgamento aprofundado de valor. Entretanto, 31% (156 docentes) dos educadores e educadoras afirmaram acreditar serem “pouco relevantes” esses conteúdos, abrindo espaços para diversos questionamentos. Desde uma indicação de desinteresse pela cultura digital, motivado, em muitos casos, por uma formação inicial deficiente em termos de prática pedagógica com as tecnologias da comunicação e informação, pela crença de que esses conteúdos não interferem sobremaneira na ação docente em sala de aula ou como reflexo de uma crise da própria instituição escolar perante os desafios do novo milênio.

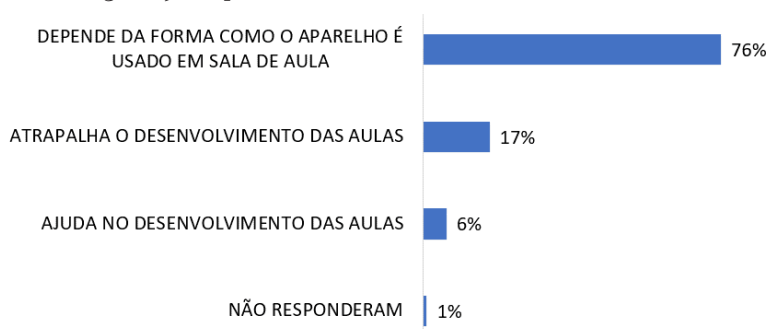
Os professores e professoras que consideram muito relevantes os conteúdos somam 14% (69 docentes) e é nesse sentido que se observa a necessidade de “aproximação com o discurso e as questões que envolvem o jovem, ou seja, uma aproximação com a linguagem do cotidiano de uma geração que precocemente se socializou com a cultura midiática” (SETTON, 2004, p. 68).

Podemos dizer que a maioria dos/as docentes entrevistados (cerca 64%) considera relevante o fluxo das redes sociais para a formação dos/as jovens. Tal dado indica que grande parte dos educadores e educadoras reconhece a centralidade da *internet* na construção do conhecimento. Mas também podemos destacar que pelo menos 30% dos/as docentes registram posição contrária em relação à importância dos conteúdos digitais para a formação discente. Tal dado não é obra do acaso, pois devemos considerar o fato de, no geral, plataformas como WhatsApp, Instagram e outras serem constituídas, em larga escala, pela dimensão do entretenimento. Nas redes sociais, o trivial e as efemeridades — que, em última instância, pouco têm a ver com o currículo básico — encontram alta aderência junto aos/as estudantes, apesar de reconhecermos a importância desses canais de interação na constituição das sociabilidades e na produção de sentidos. No entanto, é imperioso também reconhecer a dificuldade enfrentada pelos sistemas de ensino para lidar com esse universo híbrido, que conjuga informações abstratas e fragmentadas com piadas, violências simbólicas, intolerância e banalidades de todos os tipos. As potencialidades educativas estão presentes na internet, mas não de forma isolada. No contexto contemporâneo, os/as docentes precisam, na prática, lidar com um jogo de linguagens e referências depreciativas e, por vezes, agressivas nas redes sociais.

Com relação à presença do celular no cotidiano da escola, a se ver na próxima figura, os dados indicam que o acionamento deste dispositivo

conheceu os seguintes quartis: 76% dos/as docentes são do entendimento de que se pode fazer uso do aparelho, a depender da maneira como será utilizado; 6% afirmam haver contribuição para a dinâmica das aulas; 17% firmam posição de que atrapalha. Tais números revelam que uma grande parcela dos educadores e educadoras considera haver espaço para introduzir o celular em sala de aula para fins pedagógicos. É o que expressa metonimicamente a fala de um docente entrevistado: “o celular seria muito útil com uso direcionado e supervisionado para pesquisas, por exemplo”.

Figura 3 - A presença do celular no cotidiano escolar



Fonte: MECOM (2019)

Vale apontar que a presença dos *mobiles* no ambiente educativo ainda é um assunto posto sob questionamento em muitas escolas. Há redes de ensino em que o uso é proibido por lei (em muitos casos existem avisos fixados nas paredes das salas de aula), conforme verificado durante a aplicação da nossa pesquisa. Em outros espaços, por sua vez, o equipamento é aceitável, desde que utilizado para fins educativos.

As normas sugeridas ou propostas nas escolas nem sempre são seguidas à risca e quem define, de fato, acerca do uso é o/a educador/a, malgrado o fato de a gestão escolar interferir no processo.

Embora se reconheça que o dispositivo oferece inúmeras possibilidades para ampliar a prática pedagógica, nem todos os/as docentes revelam conforto na exploração dos aplicativos, softwares e programas educativos. Falamos, em última instância, de aspectos como a insuficiente preparação para enfrentar as novas realidades tecnossociais ou as intervenientes disciplinares – muitos professores e professoras indicam a preocupação em perderem certo controle sobre a classe, haja vista não poderem atuar no encaminhamento mais profícuo dos acessos na rede. Conforme relatado em outras questões

da pesquisa, infelizmente, muitos alunos e alunas ainda não sabem separar a diversão do educativo e, quando se encontram com o celular em mãos, nem sempre ponderam os limites entre as demandas escolares suscitadas no momento da aula e o espectro mais amplo do entretenimento, das interações indesejadas para aquela situação particular.

Sabe-se que, por exemplo, o smartphone permite uma variedade de ações que podem ser exploradas com o viés educativo, tais como produção de fotos e vídeos; preparação de textos, apresentações, gráficos no pacote Office; ouvir músicas; gravar áudios; sem contar os inúmeros aplicativos, como os usados para editar programas audiovisuais, imagens, cartazes; e, ainda, aqueles voltados às diferentes disciplinas, que permitem explorar conteúdos trabalhados na grade curricular. As possibilidades de utilização para fins pedagógicos são infinitas; no entanto, o uso do celular em sala de aula precisa ser dissociado do seu acionamento cotidiano, imediato, em situações postas à distância dos processos pedagógicos e de ensino-aprendizagem.

Assim, mais que preparação técnica envolvida neste tema, é necessário trabalhar a questão cultural, para que o celular possa, de fato, entrar em sintonia com certas demandas da formação escolar.

Enfim, as figuras analisadas indicam que os/as docentes estão cientes de que, para além da questão tecnológica, as formas e usos de celulares e aplicativos devem estar ligados a uma perspectiva pedagógica. O amplo reconhecimento, por 76% dos entrevistados, de que o celular pode ser utilizado em sala de aula, “dependendo da estratégia para o seu acionamento”, demonstra que professoras e professores sabem das suas responsabilidades frente a um contexto de reconfigurações sobre os fluxos de informações e sobre como o conhecimento passou a depender, também, da dinâmica promovida pela internet.

Conclusão

Em tempos nos quais a conectividade favorece o contato com informações dos mais diversos segmentos, os recursos tecnológicos disponibilizam plataformas com acesso a conteúdos postos em circulação através de suportes multimodais. E os discursos midiáticos veiculam mensagens que interferem na construção das subjetividades — motivo, entre outros, pelo qual os processos de ensino e aprendizagem não podem ocorrer ao largo deste ecossistema. Ou, na assertiva de Maria da Graça Setton:

Refletir sobre as mídias a partir do ponto de vista da educação é admiti-las enquanto produtoras de cultura. E também admitir que a cultura das mídias, suas técnicas e conteúdos veiculados pelos programas de TV, pelas músicas que tocam no rádio ou mensagens da internet, nas suas mais variadas formas, ajudam-nos, juntamente com valores produzidos e reconhecidos pela família, pela escola e pelo trabalho, a nos constituir enquanto sujeitos, indivíduos e cidadãos, com personalidade, vontade e subjetividade distintas (2001, p. 13)

Em conjunto, estão as tecnologias, as quais, associadas à educação, oferecem a oportunidade de inovar o processo educativo, incorporando estratégias voltadas à cidadania digital, que vai além do uso de recursos, softwares, aplicativos e plataformas direcionados ao aprendizado. Envolver tais suportes no ensino exige uma intencionalidade pedagógica, e o conhecimento a ser adquirido se impõe como objetivo principal. Para Orozco (2006), as tecnologias não podem ser vistas como instrumentais, mas como mediadoras no processo educativo formal.

Esses diferentes recursos tecnológicos, aliados à informação, favorecem a construção de narrativas transmidiáticas cuja estrutura, cujos recursos, estratégias e discursos encantam novos consumidores. Ou, na perspectiva de Jenkins (2008): são seduzidos pelo ritual criado pelas plataformas e pela complexidade interativa por elas permitidas aos/às receptores/as.

Tal convergência propõe um novo desafio à educação, que busca meios de compreender a

influência dos meios de comunicação no mundo contemporâneo, agora, com o aporte dos meios disponibilizados pela informática, pelos sistemas digitais, pelas redes de computadores, que orientam uma revolução nos distintos âmbitos da cultura, da história, dos fluxos econômicos, das sociabilidades. (CITELLI, 2014, p. 71).

A pesquisa do MECOM reflete tal cenário, e as questões analisadas neste segmento temático demonstram como o vetor digital – seus conteúdos e linguagens – vem sendo compartilhado, repercutido, trabalhado e analisado na sala de aula. As diferentes plataformas propagam informações em todos os segmentos, elaborando uma nova cultura, um novo nicho de interesses e um repertório diferenciado, que procuramos auscultar e recolher a partir dos/as participantes da nossa investigação. Compreender a dinâmica dos recursos, das informações, dos assuntos veiculados para agregá-los ao andamento pedagógico tem sido uma das tarefas dos/as professores/as pesquisados/as e que revelam consciência – conquanto

nem sempre possibilidade de promover mudanças no cotidiano das salas de aula – da extensão do desafio em andamento para o mundo da escola. Os gráficos apresentam um quadro no interior do qual os professores e professoras procuram situar o trabalho que levam a termo, considerando as intercorrências representadas pelos dispositivos técnicos e tecnológicos, vários deles de largo uso no dia a dia dos/as discentes.

Ademais, há, hoje, os incitamentos para que os alunos e alunas trabalhem as chamadas competências essenciais, tópica orientadora da Base Nacional Comum Curricular — ou BNCC (BRASIL, 2017) —, dentre as quais estão a compreensão das dinâmicas tecnológicas, dos sentidos da cultura digital, da operação sobre as linguagens midiáticas. Trata-se de um novo processo de aprendizagem (ou compreensão e participação nas dinâmicas da cidadania), que não se pode fazer desconhecendo os mediadores da comunicação presentes nos fazeres educativos formais.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 05 fev. 2021.

BUCKINGHAM, D. Cultura Digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez. 2010.

CITELLI, A. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

CITELLI, A. Comunicação e Educação. In: CITELLI, A. *et al.* (org.). **Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 65-74.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

OROZCO-GÓMEZ, G. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, D. de. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.81-98.

SETTON, M. G. **A cultura da mídia na escola**. São Paulo: Annablume, 2004.

SETTON, M. G. **Mídia e Educação**. São Paulo: Contexto, 2011.